
O AMOR E A SOLIDÃO DA MULHER CONTEMPORÂNEA SOB A PERSPECTIVA
DE LIVIA GARCIA-ROZA EM *MEUS QUERIDOS ESTRANHOS*

THE LOVE AND THE LONELINESS OF THE MODERN WOMAN IN *MEUS
QUERIDOS ESTRANHOS* FROM LIVIA GARCIA-ROZA'S PERSPECTIVE

Daniella Lima da Costa*

Olívia Aparecida Silva**

Resumo: O presente trabalho discutirá questões relacionadas ao amor e à solidão em *Meus Queridos Estranhos*, de Livia Garcia-Roza. Sua personagem principal, uma musicista, em permanente estado de conflito, simboliza a mulher pós-moderna, com suas incertezas, inquietudes e sempre em busca do seu autoconhecimento. O amor e a solidão são temáticas presentes na tessitura narrativa, permeadas, de um lado, pela melancolia e, por outro, pelo riso. Recorrendo a tempos simultâneos, presente e passado, a trama apresenta reflexões sobre a sociedade contemporânea, discute conflitos familiares pequeno-burgueses em um universo predominantemente feminino. Percebe-se que a solidão está relacionada à incomunicabilidade existente nas relações familiares, os diálogos são reduzidos ao essencial, permitindo, assim, observar que a estrutura familiar atual se distancia cada vez mais do modelo tradicional.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; melancolia; conflitos femininos.

Abstract: The present work discusses issues linked to love and loneliness in *Meus Queridos Estranhos*, of Livia Garcia-Roza. Her main character, a musician, in a permanent state of conflict, represents the contemporary woman with her uncertainties, worries and always in search of herself. Love and loneliness are subjects that are present in the narrative permeated by melancholy and other times by laughter. Using simultaneous times, present and past, the narrative plot presents reflections on contemporary society, shows the petty bourgeois family conflicts in a female-dominated universe. It is noticed that loneliness is related to the lack of communication existing in family relationships, the dialogue is reduced to essentials, this allowing to observe that the current family structure increasingly departs from the traditional model.

Keywords: Brazilian Literature; melancholy; female conflicts.

* Acadêmica do curso de Letras da UFT – Campus de Porto Nacional. E-mail: daniella1288@gmail.com

** Professora Adjunta de Literatura Brasileira da UFT – Campus de Porto Nacional. E-mail: olivia@mail.uft.edu.br

Introdução

O presente artigo discutirá questões relacionadas ao amor e à solidão presentes em *Meus Queridos Estranhos*, de Livia Garcia-Roza. Trata-se de uma narrativa em primeira pessoa que se constitui, a partir de cenas familiares e indagações íntimas da narradora-personagem. Esta transita em dois tempos narrativos, passado e presente, e nos coloca, enquanto leitor, cúmplices de suas reflexões e dos conflitos familiares e existenciais.

Trata-se da história de uma musicista cheia de incertezas e de inseguranças, mas que dispensa uma dedicação especial à família – marido e filha. No entanto, em alguns momentos, não sabe agir nem expressar seus sentimentos em relação a eles. Quando o seu primeiro marido a comunica sobre a decisão de romper com o casamento, de forma inesperada, fica sem ação diante do fato. Tudo se torna mais complexo com a morte prematura dele. Desta forma, observa-se que toda a tensão narrativa e os seus conflitos existenciais estão ligados a dois fatores predominantes: amor e morte do seu marido, o Manoel.

Sua única filha, fruto do seu relacionamento com Manoel, é adolescente e, como mãe, a personagem-narradora não estabelece limites ou regras a serem cumpridas por ela, pois teme ser ‘careta’ demais, entretanto, ainda assim, desenrolam-se situações conflituosas entre ambas. Após a morte de Manoel, a musicista ainda sente-se presa a ele, através das lembranças. No entanto, envolve-se com um colega musicista e casa-se com este.

A narrativa estrutura-se a partir desses fatos. As incertezas, as emoções e os sentimentos da personagem-narradora serão revelados gradativamente entremeio aos acontecimentos do cotidiano. Recorrendo à memória, a narradora-personagem recupera imagens do passado, de momentos vivenciados por ela em companhia de Manoel, reflete sua relação atual com Xavier e conclui que é necessário esclarecer fatos do seu passado, acontecidos antes da morte de Manoel, que provocaram o pedido de divórcio para, então, viver o seu presente ao lado de Xavier.

É interessante observar que a maioria dos conflitos e da postura atual da mulher se deve a educação a ela destinada, preconceituosa e machista. Assim, a mulher pós-moderna encontra na escrita uma forma de desabafo, de autocrítica e de análise. O romance *Meus Queridos Estranhos*, de Livia Garcia-Roza, traz, como ponto de tensão, as relações no âmbito familiar. Sua personagem-narradora está sempre oscilando entre a referencialidade cotidiana, trabalho, cuidados com a filha e os seus conflitos existenciais, proporcionados por uma relação afetiva que se torna o centro de sua existência, de forma obsessiva.

O romance retrata a vida de uma mulher que conseguiu ultrapassar barreiras sócio-políticas e econômicas significativas, mas que ainda se apresenta presa a valores existentes em uma sociedade patriarcal e dominadora: o homem é sinônimo de felicidade e de equilíbrio.

São questões como essas que este trabalho pretende discutir: o amor e a solidão presentes, no universo feminino, na contemporaneidade e como eles se refletem na vida da personagem-narradora. Suas atitudes como mãe, esposa, amiga, musicista, e, simplesmente, como mulher, tendo, como referências críticas, Viana (1995), Rouanet (2007), entre outros.

1. Conflitos amorosos e relações conjugais

Sob a ótica da mulher pós-moderna, Viana (1995) defende que é necessário escutar as mulheres com mais atenção e menos tendenciosidade (VIANA, 1995). Em decorrência de uma educação opressora, a mulher tornou-se fonte de paradoxos, que, muitas vezes, chegam a ser motivo para risos. Viana (1995) segue mais à frente afirmando que “deve ser perscrutando silêncios e falas que se poderá chegar a alguma compreensão do sujeito-mulher, tentando escrever-se para gravar, fora do microcosmo familiar, a instância de sua letra” (VIANA, 1995, p. 18). Com esta afirmação, Viana discute que, através do gênero Memória, a mulher tem a possibilidade de refletir sobre si e, recorrendo à escrita, enxergar-se de fora, se ver como Mulher de verdade, pois além de observar passado e presente, pode ainda perceber suas evoluções.

Com base nas afirmações de Viana (1995), podemos observar que algumas peculiaridades estão contempladas na personagem-narradora de *Meus Queridos Estranhos*. Para início de discussão, durante toda a narrativa, a personagem não cita o seu nome. Em um dado momento, ela apenas comenta que seu sobrenome irá mudar ao oficializar a união com o Xavier, com quem se casará: “Dentro em pouco eu seria Quentin Xavier, como Gisela. [...]. Coisa estranha ter o mesmo sobrenome de uma pessoa com quem não tinha nada a ver. Mariana disse que eu não seria mais sua mãe, não teríamos mais o mesmo sobrenome.” (GARCIA-ROZA. 2005, p.76)

Assim, continua desconhecido o nome que será alterado. Percebe-se que a personagem reflete com estranheza a alteração que ocorrerá com a mudança de seu estado civil. Ora, o nome de uma pessoa é o que a diferencia enquanto ser e constar o sobrenome de Xavier no seu nome soa como algo negativo. No fragmento acima, observa-se que a personagem se sente desconfortável por ter o sobrenome de outrem e não o de sua própria filha. Ela é

simplesmente uma mãe que passará a ser, novamente, esposa. A mulher, regida por leis patriarcalistas, pode assumir o nome do seu marido, ao contrair o matrimônio e nunca o contrário.

Durante a narrativa, observa-se que outra personagem feminina não tem seu nome mencionado, a mãe da narradora-personagem. Ela é nomeada como mãe e avó. Acredita-se que é uma forma de levar o leitor a refletir sobre essa particularidade, duas mulheres, cujas gerações são próximas, não têm seus nomes mencionados na narrativa. Galhardo (2012), ao recorrer à História, identifica épocas em que a mulher tinha sua identidade necessariamente atrelada a uma figura masculina, pois, eram sempre conhecidas como “a filha de alguém”, ou ainda, “a esposa de outro alguém”, e, se assim não fosse, eram discriminadas, rejeitadas pela sociedade (GALHARDO, 2012).

No entanto, as mulheres mais jovens, como Gisela e Mariana, que são de gerações mais recentes, têm seus nomes citados, pois pertencem a uma época em que a mulher alcançou espaços sociais significativos.

A musicista, em um momento da narrativa, ainda faz observações em relação a sua aparência física. É um auto-contemplar avaliativo: “[...] sou baixa e magra, por dentro. Por fora tenho estatura média, mais para alta, cabelos castanhos, *standart*, como diria Manoel. [...]” (GARCIA-ROZA, 2005, p. 12).

A personagem-narradora tem consciência de que se enxerga inferior do que ela é realmente. Recorrendo à memória, revê seu passado para encontrar um fio condutor que a levará ao ponto inicial que a fez sentir-se frágil, alguém instável emocionalmente. Sua relação com o Manoel apresenta-se como o elemento propiciador de sensações distintas: felicidade e inseguranças. A separação, em seguida, sua morte prematura, provoca-lhe um estado de perda, de vazio que a faz sentir em estado permanente de angústia. Para sobreviver melhor, faz uso de ansiolites.

Mesmo consciente de suas incertezas e conflitos existenciais, a musicista começa a se envolver com um colega da orquestra na qual trabalha, o Xavier. No entanto, se vê dominada pelas lembranças do ex-marido, já falecido, o Manoel. Dilacera-se, pois acredita o estar traindo e não consegue continuar com Xavier, por mais que ele seja atencioso, estável e lhe proporcione segurança.

Discutindo a respeito da construção familiar, presente nas narrativas de Garcia-Roza, Leal (2008) afirma ser esta a base de sua tessitura ficcional. O meio familiar, as relações

entres os componentes do que seria a família, a incomunicabilidade, provocando doenças e desajustes, são os elementos constantes de reflexão nas suas narrativas (LEAL, 2008).

Em *Meus Queridos Estranhos* isso se confirma, pois, as atividades da narradora-personagem, que sabemos ser uma musicista, não são detalhadas fora do âmbito familiar. Também não há comentários sobre as atividades desenvolvidas pela filha, que, como qualquer adolescente, é problemática. Essa personagem compõe-se com informações mínimas. Chama-se Mariana, raramente permanece em casa e suas atividades estudantis não são mencionadas. A narradora faz algumas referências sobre a relação afetiva de Mariana com Felipe, seu namorado.

Da mesma forma procede com os demais personagens. Xavier é o único personagem que tem mencionada uma rotina de isolamento para dedicar-se ao concerto que realizará. Ao privilegiar o espaço privado, a narradora quer que o leitor observe a vida familiar, no âmbito do cotidiano, e não as atividades que cada personagem exercem como seres autônomos.

Neste ponto, voltamos ao que já havia sido citado na introdução acerca da opressão feminina. Esta é perpetuada na criação a que são submetidas, de mãe para filha. Em razão dessa educação, a maioria das mulheres contemporâneas ainda está presa ao modelo familiar tradicional, as obrigações como mãe e esposa estão acima de qualquer outro assunto, até de si mesma. Isso é muito explícito na vida da musicista.

Em meio a conflitos, arrependimentos e culpas, a personagem-narradora não consegue se envolver e resolve findar o relacionamento com Xavier, ainda no início. No entanto, Xavier a surpreende, uma semana depois do término, chamando-a para jantar fora e, então, eis o que acontece:

[...] Quando fomos servidos, ele levantou a taça brindando a noite. Foi então que, me olhando sorrindo, disse:
- Quero me casar com você.
- ...
- Você quer pensar? – continuava sorrindo.
- Não, não é isso Xavier, você não me conhece... sou muito **complicada, desequilibrada, nervosa...**
Estendeu a mão em direção à minha, dizendo:
- E então? Ainda não respondeu...
- Quero. (GARCIA-ROZA, 2005, p. 62) (Grifo nosso)

Este excerto possibilita duas reflexões diferentes. A primeira é a maneira como a musicista, uma mulher já madura, reconhece a si como uma pessoa “complicada, desequilibrada e nervosa”, em decorrência do seu primeiro casamento que a tornou assim; ou

o fato de ter sido criada, tendo de reconhecer-se assim, o que pode ser chamado de violência simbólica. A narradora-personagem, nos raros momentos que faz referência a sua infância, sugere ao leitor a impressão de não ter sido um período fácil, inclusive, afirma ter presenciado brigas em casa (GARCIA-ROZA, 2005)

Outra questão que o trecho supracitado nos faz refletir é a atitude de Xavier. Ora, a mulher havia lhe pedido um tempo, afirmando estar confusa, mesmo que já houvesse decorrido um tempo entre a separação e a morte do ex-marido, ela ainda sentia-se em conflitos sentimentais, mas ainda assim, Xavier ignora seu pedido e continua com a sua proposta de casamento, como se prevalecesse apenas a sua vontade. Surpreendentemente, a musicista aceita o pedido de casamento.

Mais uma vez nos voltamos à referida sociedade patriarcal, em que se faz necessária a presença de uma imagem masculina para a mulher ter o direito de ser respeitada perante a sociedade. Desta forma, uma mulher não poderia rejeitar um bom casamento, um bom partido, em uma concepção tradicional. A musicista ainda não havia esquecido Manoel, o ex-marido já falecido, seus sentimentos estavam confusos, tumultuada por conflitos internos, parecia estar longe de sentir-se feliz, mas, ainda assim, aceitou casar-se com um homem íntegro, um ‘bom partido’ que não poderia ser dispensado.

É, no mínimo, inusitada a forma como o novo marido, o Xavier, comporta-se: passivo, sereno, manso, diferente do que a musicista estava acostumada. Chama também atenção a maneira como ele faz questão de ter seu espaço, a sua individualidade preservada: tinha um quarto para fazer seus ensaios, para ficar sozinho, evitando o convívio familiar, mesmo sendo uma família pequena, composta por três pessoas na rotina diária. Isso vem confirmar o que Leal (2008) diz ser uma constante nas obras de Garcia-Roza: há sempre uma desestruturação da família, algum conflito. Isso não é uma invenção da escritora, ela apenas está representando o modelo das famílias contemporâneas. A atitude de Xavier demonstra que ele queria uma família, uma esposa para apresentar à sociedade, porque era cômodo, mas não queria que isso mudasse sua rotina de homem sozinho.

Por sua vez, a esposa de Xavier ainda nutre sentimento por Manoel, ainda que este estivesse morto. Em decorrência desse conflito, viver com alguém e ter outro no pensamento, a personagem-narradora, decide romper seu relacionamento:

- Xavier, acho melhor nos separarmos porque eu continuo gostando de Manoel.
[...] Silêncio na mesa. [...]

- Ouviu, Xavier? Não consigo esquecer Manoel...
 - Ele foi seu marido.
 - [...] não era a primeira vez que fazia de um assunto de tamanha importância, nada.[...]
 - Vamos tomar um café? Eu faço.
- Impressiona, um homem com seu estilo.(GARCIA-ROZA, 2005, pp. 110-111)

Desesperada e frágil emocionalmente, ela prefere a separação para ficar com as lembranças do ex-marido. Ela não possui amizades, não conversa com a filha, aliás, esta apenas a critica e a ignora. É uma mulher solitária. Admira o marido, mas continua vinculada emocionalmente ao ex-marido, que morreu. Sabemos, por meio de suas memórias, que o casamento com Manoel não estava bem quando ainda eram casados. A relação passava por altos e baixos, principalmente, porque ele sempre ficava até tarde fora de casa e chegava alcoolizado. Ainda assim, ela sente saudades desse homem, pois acredita ter sido muito feliz ao seu lado. Sua relação com Xavier, o novo marido, é diferente. Este parece ignorá-la no que diz e sente. Ela estranha ter uma relação amorosa com outro homem que não seja o pai de sua filha, demonstrando que interiormente sentia-se uma adúltera.

Para confirmar ainda mais seu desequilíbrio, a musicista começa a investigar se Manoel teve outros relacionamentos extraconjugais. Marca encontro com algumas mulheres e, ao questioná-las, também faz uma autocrítica. Descobre, enfim, que realmente foi traída por Manoel a quem sempre dedicou tanto amor. A dor da descoberta, mesmo tardia, a desespera, então, resolve procurar a mãe, com quem não tem uma relação afável. Em delírio, revivendo memórias, acontecimentos, a personagem-narradora chora suas mágoas à mãe que responde: “Acho que você ainda não se desligou do que viveu...” (GARCIA-ROZA, 2005, p. 161).

As palavras de sua mãe confirmam aquilo que era do seu conhecimento, mas era necessário fechar as lacunas do seu passado para viver o presente sem as lembranças obsessivas de Manoel. Completar um círculo existencial e abrir um novo. Compreendeu que estava iludida e obcecada pelas lembranças do ex-marido. Ele não lhe dava segurança, saía para beber (fato de que não gostava), entre outras atitudes. Foi necessário quebrar a moldura que circundava a sua imagem perfeita para que ela pudesse se desprender do passado e seguir com sua vida.

2. Agitações adolescentes: Filhos

Além dos conflitos que sente em relação ao primeiro e ao segundo marido, o que pensa sobre si mesma, a musicista ainda tem que lidar com uma filha adolescente, a Mariana. A relação estabelecida entre ambas é conturbada e problemática, ainda que exista o amor.

Depois do casamento com Xavier, a convivência entre elas torna-se mais conflituosa. Mariana faz extravagâncias, com o objetivo de ter a atenção da mãe, parece querer disputar espaços afetivos com Xavier. “Xavier chegou com presentes para mim, Mariana e Felipe. [...]. Mariana voltou para a rua. Um chega, outra vai. Difícil conciliar amores [...]” (GARCIA-ROZA, 2005, p. 175)

Neste fragmento, a musicista se refere ao amor pela filha e pelo atual marido. Mas, será que ela também não se refere ao quanto é difícil conciliar o amor pelo atual marido e o amor pelo ex-marido morto? Difícil exercício.

A musicista é moderna, não possui conflitos no âmbito profissional e nem no financeiro. Ou seja, é uma mulher bem sucedida, respeitada em sua profissão, que não reclama de dinheiro. Mas, tem uma relação complicada com a mãe, que sempre a critica, e, quanto à filha, não sabe impor-lhe limites. A comunicação entre ambas é mínima. Seus problemas com a mãe se projetam, de alguma forma, na sua relação com a filha. Para ela, é difícil ser mãe, principalmente de Mariana.

- Mariana, hoje fiz um seguro de vida pra você. Então, se eu morrer...

- Se, não; quando, né?

Cortou o assunto. A meu ver para sempre. Muito difícil ser mãe de Mariana; cada dia pior. (GARCIA-ROZA, 2005, p. 90)

A personagem-narradora sempre tenta estabelecer um diálogo com a filha, porém, sem sucesso. Mora em uma casa com o marido, a filha, o cachorro, a gata e a empregada, mas está sempre só. Trabalha em uma orquestra, cheia de músicos, o que não altera seu isolamento. Não tem amigos. Está sempre cercada de pessoas, mas não tem com quem dividir seus anseios. Essa solidão a faz se sentir perdida e insegura.

A relação conflituosa que estabelece com a mãe a faz sentir incapaz de ser mãe. A personagem carece de ser filha, mais do que de ser mãe. Ela não possui estrutura emocional necessária para ser a referência que a adolescente precisa. Isso não quer dizer que ela seja uma mulher frágil, contudo, precisa descobrir sua força interior antes de assumir qualquer outro papel, o de mãe ou o de esposa.

Em muitos momentos, principalmente diante dos conflitos, a musicista conversa com seu esposo, Xavier, mostrando que não se sente em condições de tomar decisões, de forma segura, nem mesmo quando se trata de sua filha, a qual Xavier conhece a pouco tempo.

Ainda sobre seu relacionamento com a filha, a musicista tenta ser uma mulher moderna, não quer que Mariana se afaste (ainda mais) dela, que a jovem se sinta reprimida por uma mãe ‘careta’, entretanto, não consegue lidar com os conflitos que surgem. Ao descobrir que Mariana está namorando, tenta exercer sua autoridade, mas não é levada a sério. Descobre, em certa ocasião, que Mariana faltou aula para ir à praia, e apenas deu uma leve repreensão à filha, sem castigos. Aceita todo o comportamento de Mariana, a petulância da adolescente, o namorado, contudo, não sabe lidar com a presença constante de Felipe, nem com os comentários íntimos de Mariana: “[...] – Sabia que eu e Felipe transamos todos os dias? - Não quero saber dessas coisas, não, Mariana; reserve-as para o seu namorado. - Não está interessada na saúde sexual de sua filha?” (GARCIA-ROZA, 2005, p. 177)

Muitas vezes, chega a ser cômico seu relacionamento com Mariana. Trata-se da junção do riso com a melancolia, pois são situações que a constroem e a desconcertam, mas que a filha acredita serem, de certa forma, engraçadas. Em seu livro *Riso e Melancolia*, Rouanet (2007), afirma que a melancolia pode ser positiva, pois permite a reflexão, e, o riso, por sua vez, é uma forma de esconder a melancolia que é, muitas vezes, ridicularizada.

Em todo o romance, os conflitos da mulher, da mãe, estão em evidência. A personagem tem uma vida tensionada pelo presente ou pelo passado, o que a torna melancólica. O riso amargo é um fio que perpassa na temporalidade da vida. É a própria infelicidade, através do cômico. Ela tem pena de si mesma. A insegurança impede de se ver por um viés mais positivo. Descreve-se bonita, conservada, talentosa, companheira e aparentemente suave, no entanto, intimamente não consegue superar seus conflitos.

O amor é o que movimenta todas as ações da narradora-personagem: pela filha, por Manoel, por Xavier e pela música. No entanto, a incomunicabilidade existente entre ela e as pessoas com as quais tem vínculo afetivo torna-a cada vez mais solitária. Recorre aos remédios anti-depressivos para controlar a depressão, a insônia e a ansiedade. Estes estados provocam-lhe a melancolia, às vezes quebrados por situações cômicas ocasionadas pela relação caótica que estabelece com Mariana ou, ainda, pela obsessiva presença da imagem do ex-marido, o falecido. Assim, o amor, a solidão, a melancolia e o riso são recorrentes na narrativa de *Meus queridos estranhos*.

É interessante observar que no desenrolar da trama, há uma sequência de acontecimentos que vão empurrando a narradora-personagem para tomadas de decisões que a tornam mais frágil ou a fortalecem: o casamento com Xavier, a descoberta de fatos da vida de Manoel e suas traições, o namoro de Mariana. E ainda, o casamento precoce da filha, que, mais uma vez, a deixa em estado de conflito e insegura, pois algo deixará de ser como era antes. Sua vida dará uma reviravolta e sente medo disso. No entanto, não compartilha com a filha seu receio, pois não quer ser ridicularizada.

O modo como a personagem-narradora lida com seus amores muitas vezes é estranho. Ela não tem muita paciência com a mãe, vive em estado de conflito com a filha e às vezes é próxima ou distante de Xavier mesmo que este procure agradá-la.

Conforme Pessanha, (1987) a respeito do amor, este é um sentimento que não finda as discussões, pois não existe definição precisa. Assim, não conseguiríamos explicar e concluir a representação do amor, em seus vários sentidos, vividos pela musicista. Ela tem sua própria forma de amar, ainda que muitas vezes não saiba demonstrar seus sentimentos muito bem.

3. Sonho, loucura e realidade

No romance de Garcia-Roza, observaremos a presença do onírico. Este realiza-se no plano do referencial. O que chama atenção são imagens surreais. Geralmente os estados oníricos narrados pela narradora-personagem acontecem sempre após períodos de tensão vividos por esta.

O sonho mais curioso e escolhido para ser aqui demonstrado consta como uma das cenas iniciais do romance:

Um banquete de mulheres. Mamãe presidia a mesa principal, com sua cabeleira ruiva que, ora sim, ora não, bailava fagulhando no ar. Vestia lençol branco e tinha as unhas pintadas de azul-celeste. Pressenti que era uma festa de comemoração da loucura. Que fartura. As outras, e tantas eram, esbravejavam, vociferavam, clamando pelos seus homens, seus maridos de volta. Algumas se arrastavam no chão em lamentos ininteligíveis, outras queriam matar umas tantas. Mamãe tocava um sino e elas se aquietavam, por momentos, para em seguida voltar a imprecar contra a vida e contra mulheres. Uma delas enforcou-se na manga do vestido no meio do salão, tendo no centro do peito, bordado, o nome de um homem. Do lado de fora, centenas de mulheres arranhavam a porta, querendo se banquetear. A entrada principal estava tomada por uma infinidade de meninas impedindo a passagem. As mães as levavam. Para se tornarem mulheres, precisavam do batismo da loucura. A cada barulho maior que as de fora faziam, mamãe tocava o sino, e elas voltavam a se acalmar. Quando a comida chegou,

trazida em grandes bandejas de prata, elas as atiraram para o ar e todo o alimento se evaporou, estavam famintas. Comiam as golas dos vestidos, as unhas umas das outras e, finalmente, engoliram talheres, se sufocando. Mamãe continuava solene presidindo a sessão. A mulher, anunciada ao microfone como a avó, pegou um punhal e mergulhou-o no ventre. Várias tentaram a morte com o guardanapo. Pouco pano não dá conta da dor. (GARCIA-ROZA, 2005, p. 7-8).

O que fica mais claro neste excerto são a loucura e as tendências suicidas. Após o relato deste sonho, a personagem narradora começa a relatar que, na noite anterior, seu marido, o Manoel, pediu a separação. Isto é, a musicista não só passou por um momento de grande perturbação, como também desejava não ter passado por isso, pois sentia que, de alguma forma, uma parte dela havia morrido.

Para Freud (1987), não existe uma explicação satisfatória a respeito dos sonhos e que, diferente do que ele próprio acreditava, a visão dos sonhos, que é mais próxima da verdade, trata-se da popular, mesmo com suas superstições (FREUD, 1987, p. 656).

Dessa forma, observamos, no sonho da musicista, a dependência e a submissão da mulher, pois as mulheres presentes no banquete clamavam por seus maridos e uma delas chega a se enforcar, tendo bordado no peito o nome de seu esposo (GARCIA-ROZA, 2005, p. 7). Ou seja, as esposas idolatram seus esposos e ainda estão sempre em situação de dependência, mesmo quando eles não estão presentes, pois sentem a falta de algo. Além disso, há a presença da loucura. O que seria essa loucura? Seria a relação do desejo, o mesmo que tentou Eva no Paraíso, uma vez que a narrativa afirma que “para se tornarem mulheres, precisavam do batismo da loucura”? (GARCIA-ROZA, 2005, p. 7). Dando assim, continuidade ao sentido da inferioridade/dependência feminina diante do masculino, afinal a mulher foi composta, a partir de uma costela do homem.

A musicista ainda traz em seu sonho a presença da morte. Desta forma, estaria ela referindo-se a sua morte simbólica, em decorrência do tamanho de sua tristeza? Provavelmente, sim. Ora, o sonho dessa mulher começa com um banquete que comemorava a loucura, isto é, representa seu casamento, e o sonho tem, no final, as tentativas de morte de várias mulheres, que é o que, muitas vezes, a musicista sentia vontade de fazer, depois que Manoel lhe pediu a separação. Desta forma, os sonhos da personagem-narradora sempre estão vinculados ao referencial, representado de forma simbólica. O próprio Freud (1987) aconselha a “dividir o sonho em seus elementos e descobrir separadamente as associações ligadas a cada um desses fragmentos” (FREUD, 1987, p. 659). Isto é, ao dividir e observar o sonho detalhadamente, por mais que, à primeira vista, ele esteja isento de ligações e de sentimentos,

o observador irá notar que alguma ligação existe com a vida do sonhador (Freud, 1987, p. 658-663), afirmativa que se ajusta ao sonho e à realidade da musicista.

Considerações finais

Meus Queridos Estranhos, de Livia Garcia-Roza, é uma obra complexa que aborda as incertezas humanas, mais precisamente as do universo feminino. Os conflitos existenciais, a incomunicabilidade no convívio familiar são representações contemporâneas. O amor, tema recorrente em todas as suas obras, ressalta a fragilidade das relações afetivas, ao mesmo tempo, mostra-nos que o ser humano está sempre em busca de complementar-se, através do sentimento amoroso. O amor, nas suas diversas faces, é o que movimenta a vida e provoca sentimentos díspares, felicidade ou melancolia.

Apresenta um novo modelo de família que se estabelece, tendo como base o tradicional. O romance de Garcia-Roza é uma abordagem contemporânea do universo feminino pequeno-burguês, no âmbito familiar. Suas personagens não se mostram apreensivas com as questões referenciais vinculadas ao trabalho, ao consumo desenfreado, a banalização da violência tão presente na contemporaneidade, mas, com uma problemática visceral que é a instabilidade emocional, os conflitos internos humanos provocados por situações-limites originárias da relação com o outro.

Na confluência entre presente-passado-presente, desenrolam-se as cenas narrativas, trazendo à baila discussões sobre o ciúme, a traição, o aborto e a adolescência, reforçando, assim, o caráter ficcional reflexivo que contempla temáticas de todos os tempos, mas referenciadas na contemporaneidade.

O romance expõe ainda a mulher que, mesmo tendo conquistado espaços significativos rumo à sua autonomia, na esfera pública, ainda exerce, de forma conflituosa, seu papel de mãe e de esposa na esfera privada. Essa problemática se dá, sobretudo, em decorrência das múltiplas funções assumidas pela mulher na sociedade. Tal constatação implica em definir outros modelos a serem seguidos. A personagem-narradora desdobra-se em mãe, mulher e profissional da música, entremeio a essas atividades estão as questões relacionadas a inquietação íntima provocadas pelas situações ligadas ao envolvimento afetivo com aqueles que fazem parte do seu universo amoroso. Desta forma, provoca em seu leitor um novo olhar sobre a mulher contemporânea e as relações afetivas no âmbito familiar.

Referências Bibliográficas

FREUD, Sigmund. Sobre os Sonhos. In: FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos* – Volume 2. 2. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1897.

GALHARDO, Diego Paulino; BEZERRA, Herlon Alves. Um olhar fenomenológico sobre *Babbitt*, de Sinclair Lewis: um diálogo entre psicologia e literatura. In: *ENTRELETRAS*. v. 3, n. 1, p. 215-227, jul., 2012.

GARCIA-ROZA, Livia. *Meus Queridos Estranhos*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. *As Escritoras Contemporâneas e o Campo Literário Brasileiro: uma relação de gênero* 2008. 249f. Tese (Literatura e Práticas Sociais) Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

PESSANHA, José Américo Motta. Platão: As várias faces do amor. In: CARDOSO, Sérgio (org.) *Os Sentidos das Paixões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1995.

ROUANET, Sergio Paulo. *Riso e Melancolia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Artigo recebido em setembro de 2012.

Aceito em outubro de 2012.